

A Culpa é da China! O discurso sino-conspiratório no governo Bolsonaro em tempos de COVID-19

Blame It On China! Sino-conspiratory discourse in Bolsonaro's government during COVID-19 times

Rodrigo Quinan

É mestre e doutorando em comunicação pelo PPGCOM/UFF. Sua pesquisa se dedica a temas que incluem teorias da conspiração, crise epistemológica e ficção seriada televisiva.

Mayara Araujo

É doutoranda em Comunicação pelo PPGCOM/UFF. É pesquisadora vinculada ao MidiÁsia (Grupo de pesquisa em mídia e cultura asiática contemporânea). Seus temas de interesse incluem cultura pop asiática e estudos sobre televisão.

Afonso de Albuquerque

É professor do PPGCOM/UFF. Seus temas de interesse incluem Comunicação Política, Jornalismo e Estudos sobre a Cultura Pop Asiática.

RESUMO

A pandemia de covid-19 trouxe à tona uma série de teorias da conspiração que tentam explicar a transmissão do vírus que impactou o mundo. Parte do discurso conspiratório foi direcionado à China, identificada como o “bode expiatório” responsável pelos danos causados pela doença. O objetivo da pesquisa é compreender como tem sido conciliada a postura anti-China espelhada na política de Donald Trump e a dependência econômica que o Brasil tem do país. Coletamos e analisamos qualitativamente declarações sinofóbicas de representantes e ex-representantes do governo entre março e outubro de 2020. Utilizamos uma bibliografia interdisciplinar envolvendo teorias da conspiração e uma historiografia sobre o papel da China. Concluímos que a ascensão econômica da China reforça um discurso sino-conspiratório ancorado em ideologias raciais neoconservadoras.

PALAVRAS-CHAVE: *Teorias da Conspiração; Covid-19; China; Sinofobia.*

ABSTRACT

The covid-19 pandemic has brought to light a series of conspiracy theories that seek to explain the transmission of the virus that impacted the world. Part of the conspiracy speech was directed at China, identified as the “scapegoat” responsible for the damage caused by the disease. We analyze how this speech was reproduced

by members and former members of the Bolsonaro government, based on statements by Jair and Eduardo Bolsonaro, Olavo de Carvalho, Abraham Weintraub and Ernesto Araújo. The objective is to understand how the anti-China stance, inspired by Donald Trump's policy, has been reconciled with Brazil's economic dependence on China. We collected and qualitatively analyzed synphobic statements from government officials and former officials between March and October 2020. We used an interdisciplinary bibliography involving conspiracy theories and a historiography on the role of China. We conclude that China's economic rise reinforces a Sino-conspiracy discourse anchored in neoconservative racial ideologies.

KEYWORDS: *Conspiracy Theories; Covid-19; China; Sinophobia.*

RESUMEN

La pandemia covid-19 ha sacado a la luz una serie de teorías conspirativas que buscan explicar la transmisión del virus que impactó al mundo. Parte del discurso de conspiración estuvo dirigido a China, identificada como el "chivo expiatorio" responsable de los daños causados por la enfermedad. Analizamos cómo este discurso fue reproducido por miembros y ex miembros del gobierno de Bolsonaro, en base a declaraciones de Jair y Eduardo Bolsonaro, Olavo de Carvalho, Abraham Weintraub y Ernesto Araújo. El objetivo es comprender cómo la postura anti-China, inspirada en la política de Donald Trump, se ha reconciliado con la dependencia económica de Brasil de China. Recopilamos y analizamos cualitativamente declaraciones sinfóbicas de funcionarios gubernamentales y ex funcionarios entre marzo y octubre de 2020. Utilizamos una bibliografía interdisciplinaria que involucra teorías de conspiración y una historiografía sobre el papel de China. Concluimos que el ascenso económico de China refuerza un discurso de conspiración chino anclado en ideologías raciales neoconservadoras.

PALABRAS CLAVE: *Teorias de conspiracion; COVID-19; China; Sinofobia.*

Submetido em 09 de Junho de 2021

Aceito em 14 de Setembro de 2021

Introdução

“O chinês inventou o vírus”, disse o ministro da economia Paulo Guedes em reunião do Conselho de Saúde Complementar, enquanto discutia os procedimentos da imunização da covid-19 no Brasil. Seu discurso não é novo: representantes do governo Bolsonaro têm dado declarações conspiracionistas culpabilizando a China

pela disseminação da covid-19. Entre eles, ressaltam-se figuras-chave como o ex-Chanceler Ernesto Araújo, o ex-Ministro da Educação Abraham Weintraub, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, o guru da “ala ideológica” do governo, Olavo de Carvalho, e o próprio presidente Jair Bolsonaro.

Essa postura dá continuidade às manifestações feitas desde a sua campanha eleitoral, quando Bolsonaro se alinhou aos discursos conspiracionistas que impulsionaram a ascensão do governo Donald Trump nos Estados Unidos. Na pandemia, o alinhamento negacionista de Trump foi acompanhado por discursos de ódio contra os chineses e à promoção da desconfiança sobre a China. Essas posturas divergem daquela que o país tem tido nas últimas décadas, nas quais Brasil e China vinham desenvolvendo sólidas relações diplomáticas desde 1995 e fortalecendo seus laços comerciais desde 1979 (Becard, 2008). O alinhamento político brasileiro no início do século XXI estava vinculado ao fortalecimento do bloco dos BRICS – que de certa forma desafia a hegemonia ocidental (Thussu & Nordenström, 2021) – e que procura desenvolver parcerias horizontais, fortalecendo o poder dos países supracitados no campo político e econômico internacionalmente. O bolsonarismo representa um passo atrás nessa trajetória: trata-se de um aceno neocolonial que visa realinhar o Brasil ao Ocidente, em uma posição subalterna aos Estados Unidos.

Dito isso, o artigo investiga como o Brasil se apropriou de uma representação ocidental da China como o principal responsável no discurso conspiracionista em relação à covid-19. Partimos do pressuposto de que a xenofobia e a perseguição contra a China nos ajudam a compreender as tensões políticas do passado e do presente, principalmente diante do atual contexto de declínio da hegemonia ocidental (Zhao, 2014). Buscamos dar continuidade à trabalhos recentes sobre teorias da conspiração no Brasil (Albuquerque & Quinan, 2019; Oliveira, et al., 2021), contribuindo com o campo da comunicação na reflexão acerca da crise epistemológica, veiculação de discursos conspiracionistas e retirando os estudos que envolvem a China de uma posição marginal dentro da

academia. Nosso objetivo é compreender como tem sido conciliada a postura anti-China espelhada na política de Donald Trump e reapropriada pelo Brasil. Para isso, realizamos uma análise qualitativa de falas selecionadas dos cinco representantes supracitados da “ala ideológica” do governo, em um recorte temporal que vai de março a outubro de 2020. A coleta foi feita manualmente a partir da identificação de conteúdo sinofóbico em seus *Twitter* pessoais e de declarações repercutidas em veículos de mídia. A base teórica foi ancorada em uma bibliografia interdisciplinar que articulou a compreensão sobre teorias da conspiração e um levantamento histórico sobre a mudança em curso do papel da China diante do sistema internacional.

A pandemia da covid-19 criou condições propícias para evidenciar posturas conspiracionistas e sinofóbicas. Desde a Gripe Espanhola, uma epidemia virótica não registrava um número de casos tão elevado, e desde a Grande Depressão, a economia mundial não passava por uma recessão tão grande. Isso acarretou mudanças no cotidiano global: procedimentos de quarentena foram estabelecidos e a circulação de pessoas se tornou limitada. O pânico se instaurou nas mídias por conta das explicações escassas sobre a origem do vírus e a possibilidade de cura, levando a uma onda de desinformação generalizada. Por conta dessa grande ansiedade e dos impactos causados por uma situação cujas explicações ainda são insatisfatórias, os indivíduos se sentem sem controle sobre o futuro e reagem de forma a tentar a recuperar a agência que lhes foi tomada. O discurso popular se orienta para a elaboração de teorias da conspiração, criando narrativas que oferecem um universo de primeiras respostas sobre as incertezas institucionalizadas.

A China acabou se tornando o bode expiatório para as teorias da conspiração a respeito da pandemia. O governo chinês tem sido responsabilizado de diversas formas: desde teorias sobre o surgimento do vírus ter ocorrido por conta de negligências que possibilitaram um vazamento do vírus acidentalmente, até acusações de intencionalidade, onde a covid-19 teria surgido como uma arma

biológica desenvolvida por militares chineses, buscando destruir o ocidente e fazer a China se tornar a maior força global. O seu bom desempenho em conter a doença, levando o país a crescer 2,3% em 2020¹ – uma das poucas economias a não contrair no ano – acentuam ainda mais narrativas que buscam demonizá-la.

Para além da culpabilização do governo, o trauma causado pela Covid-19 funciona como um catalisador para a “legitimação” de agressões ocorridas em países ocidentais contra indivíduos de origem asiática, reforçando o caráter da sinofobia acentuado pelo espalhamento do vírus. Isso demonstra que as teorias da conspiração não são interpretações folclóricas feitas pelos indivíduos, mas sim construções habilitadoras de discursos de ódio e atos de violência no mundo real.

1. A Civilização Chinesa frente ao imperialismo Ocidental

Considerada em uma perspectiva histórica mais ampla, a recente ascensão da China ao *status* de potência econômica internacional é menos uma surpresa do que um retorno a uma posição que a civilização chinesa conservou ao longo de mais de quatro mil anos de história. Naturalmente, houve descontinuidades. Nesse período, o território chinês foi, por vezes, alvo de invasão de potências estrangeiras, como os mongóis, entre os séculos XIII e XIV, e as potências ocidentais que subjugarão boa parte do país no século XIX, dando origem ao que ficou conhecido no país como “século da humilhação” (1839-1849). A ascensão do Partido Comunista, em 1949, criou as condições que permitiram ao país retomar plenamente a sua soberania (Boylan; Mcbeath & Wang, 2021). Nesse período, a civilização chinesa manteve um grau notável de continuidade no tocante à sua cultura, como o demonstra a influência exercida pelo confucionismo desde o século III a. c. no país.

A despeito das rupturas, a China esteve “no meio do mundo”. Embora a perspectiva eurocêntrica da História muitas vezes tente ocultar, até o século XVI a

¹ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/18/economia-da-china-se-recupera-e-fecha-2020-com-crescimento-de-23percent.ghtml>. Acesso em: 08/06/2021.

China esteve na vanguarda científica e tecnológica. Suas contribuições – como pólvora e o papel, mas também a imprensa, as pontes suspensas por correntes de ferro ou a teoria ondulatória – tiveram papel central na evolução das sociedades europeias, influenciando-as a partir de trocas comerciais e científicas (Goody, 2008). O declínio da China ocorre concomitantemente à sua última dinastia. Os Qing (1644-1912) adotaram uma postura sinocêntrica e, cientes de sua tecnologia e desenvolvimento, frequentemente rejeitavam ofertas comerciais britânicas. Essa postura criou um *déficit* na Inglaterra, que comprava produtos chineses, mas era incapaz de vender. Para contrabalancear a situação, os ingleses passaram a traficar ópio para a população chinesa. Em 1839, a situação estava insustentável, o que levou ao imperador a proibir a importação da droga. Tal atitude desagradou a Inglaterra, que enviou navios altamente armados para atacar a China, dando início a duas Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860). Para o infortúnio chinês, a dinastia Qing descontinuava feitos de seus antecessores, deixando a China em desvantagem competitiva diante do armamento britânico (Pinheiro-Machado, 2013). O resultado foi a assinatura do Tratado de Nanjing (1842), que forçava a China a abrir os portos para o comércio de ópio, pagar indenizações e entregar a ilha de Hong Kong para a Inglaterra. O período histórico também foi marcado pela modernização da Europa: os avanços tecnológicos e científicos advindos do Iluminismo se tornaram motor para que um senso de superioridade diante dos demais povos fosse construído e o eurocentrismo se tornou justificativa para a promoção de seu imperialismo. Assim, não tardou para que outros países também buscassem obter vantagens da situação e firmassem uma série de tratados desiguais com a China. A ocupação estrangeira se tornava, portanto, uma realidade. A Guerra do Ópio inaugura o século de humilhação na China (marcado pela presença estrangeira, por um breve período capitalista (1911-1949) e pela guerra civil entre seus dois partidos) que persistiu até a vitória do partido comunista, em 1949.

Como República Popular da China, sua História pode ser dividida em dois momentos. No período inicial (até 1978), durante a Guerra Fria, o país precisava ser reconstruído após uma sequência de guerras que geraram fome e doenças. Sob a liderança de Mao Zedong, o país promoveu uma reforma agrária, industrialização, unificação nacional e alfabetização. Também houve momentos conturbados, como o Grande Salto Adiante (1957-1958) que desencadeou na Grande Fome e Revolução Cultural (1966-1976) que ficou internacionalmente conhecida por seus excessos. Nesse momento, as narrativas ocidentais sobre a China foram realizadas a partir da alteridade: o outro comunista, ditatorial e autoritário. Embora a China já tenha superado os seus dias mais sombrios, o Ocidente (agora hegemonicamente estadunidense) continua a evocar memórias desse passado para tentar desmoralizá-la. O segundo momento é marcado pela abertura econômica de Deng Xiaoping em 1978. A valorização do conhecimento técnico e científico produziu uma série de modernizações no país. Paulatinamente a China se tornou uma potência industrial em escala global. Aqui, os discursos pautavam que a China estava “assimilando o Ocidente” ou “se tornando mais como nós”, embora ainda continuasse a ser vista como “o outro” (JI, 2017).

No presente, o crescimento chinês tem sido visto como uma ameaça à hegemonia estadunidense, em um contexto de transformação no eixo gravitacional dos fluxos de poder. De fato, nas últimas décadas, mudanças ocorridas na China dão conta da sua ascensão decisiva ao *status* de potência global. Em 2019, a pobreza extrema foi erradicada², marcando o início de uma nova era para o país. Também em 2019, investindo pesado em seu desenvolvimento, a China assumiu posições de liderança mundial em alta tecnologia³. Em 2013, lançou a Nova Rota da Seda (BRI), um ambicioso plano de criação de infraestrutura física e digital nos níveis regional e global que reposiciona a China como centro do sistema de trocas global (SU & FLEW, 2020). A acirrada corrida pela tecnologia 5G que a China e

² <http://www.chinadaily.com.cn/a/202102/26/WS60382a14a31024ad0baab1d7.html>. Acesso em: 08/06/2021.

³ <https://www.correiodobrasil.com.br/china-assume-lideranca-mundial-alta-tecnologia>. Acesso em: 08/06/2021.

Estados Unidos disputam ilustra o espaço que o país asiático conquistou na arena global.

A despeito disso, o imaginário sobre a China continua vinculado a ideias estereotipadas e inferiorizantes, acentuadas, hoje, por teorias conspiratórias devido a recente pandemia da covid-19 (Jaworsky, Qiaoan, 2021; Schild *et. al*, 2020). Em sua versão atual, a sinofobia conjuga dois elementos distintos: por um lado a China é um país exótico, o “outro”, tido como inferior ao Ocidente; ao lado disso ela é uma ameaça, em função do seu crescente poderio econômico, que ameaça suplantando o do Ocidente (Urbano, Araujo & Melo, 2020).

Este antagonismo contra um “outro” que se opõe ao Ocidente remete à influente teoria do “choque das civilizações” (Huntington, 1996). O autor antagoniza o multiculturalismo como maldição capaz de degenerar nações ocidentais, apontando que da cultura oriental seria imoral e perigosa, argumentando que os Estados Unidos seriam mais violentos e menos prósperos caso não fosse um país ocidental. Huntington (1996) entende que a ordem mundial depende da cultura ocidental para sobreviver. Ele denuncia acadêmicos que criticam as problemáticas imperialistas ocidentais, e aponta que apenas uma identidade americana pode conservar a cultura ocidental. Em outras palavras, Huntington defende uma forma de “pureza ocidental” e acredita que outras culturas são potencialmente hostis à democracia e necessariamente entrariam em choque a valores ocidentais como direitos humanos, livre-comércio, ambientalismo e direitos das mulheres. Nesse cenário, os Estados Unidos teriam responsabilidade de ser o núcleo da civilização ocidental, um pilar indispensável para o resto do mundo e uma força “disciplinadora” de desviantes ao modelo ocidental.

A pandemia de covid-19 se revela um momento oportuno para a reflexão acerca de um projeto político ocidental que tenta responsabilizar a China pelos danos causados pelo vírus. A China foi transformada em protagonista de narrativas conspiratórias sobre a origem do vírus, a ponto de ter se tornado seu bode

expiatório. O pânico causado pela cobertura midiática consistiu em repetitivas menções a cidade de Wuhan, onde os primeiros casos foram registrados (Rafi, 2020), enfatizando uma relação comprometedoras do país com o vírus. Boa parte das teorias da conspiração que surgiram apontam culpabilização chinesa – desde acidentes que foram acobertados pelo governo até planos deliberados de que o vírus seria uma arma biológica para estabelecer o poder chinês no mundo⁴.

2. Teorias da Conspiração e sinofobia: a criação de um bode expiatório

Teorias da conspiração constituem interpretações de que eventos históricos marcantes seriam deliberadamente orquestrados por forças ocultas (Keeley, 1999). O assassinato não resolvido do presidente John F. Kennedy, em 1963, representou um momento de virada na ascensão das teorias da conspiração como elemento marcante da cultura ocidental moderna (Zelizer, 1992). Embora as teorias da conspiração variem em sua estrutura e conteúdo, acusando tanto elites quanto minorias, agentes nacionais e internacionais, ideologias de esquerda e de direita (Walker, 2013), as mais relevantemente politizadas foram estruturadas em cima da demonização do *outro*, algum grupo étnico ou social, visto como hostil, que se contrapõe ao mundo ocidental.

Baseado no animal bíblico que paga pelos pecados alheios, identificamos a figura do bode expiatório: um inimigo em comum, aqui acusado de degradação pública e perigosa ameaça à valores da ordem hegemônica. Historicamente, alguns grupos sociais já foram associados a essa figura: os comunistas, os judeus, os árabes ou integrantes de movimentos sociais, que foram acusados por indivíduos ou entidades paranoides de estarem por trás de planos secretos malignos para causar a destruição da "moral e da decência" do estilo de vida ocidental (Kristeva, 2001). O bode expiatório pode ser lido como um "outro" que precisa ser combatido. Durante a Guerra Fria essa criação foi marcante: o soviético ateu e

⁴ Essas teorias de criação ou escapamento do vírus em laboratório já foram categoricamente desmentidas pela OMS. Disponível em: < <https://www.nature.com/articles/d41586-021-00865-8>>.

socialista que foi representado como uma ameaça tão grande ao país que contestar decisões governamentais estadunidenses seria considerado até mesmo antipatriota. O medo do comunismo foi utilizado como justificativa para uma série de intervenções realizadas pelos EUA em países sob sua influência.

Apesar da demonização promovida pelos estadunidenses neoconservadores, a história da sinofobia ocidental teve início a séculos atrás. O sentimento anti-China nos Estados Unidos começou com a chegada de imigrantes chineses para o trabalho de mineração no século XIX. Essa população foi vista com repulsa, tratada como sub-humana e sofreu diversas formas de preconceito (desde intimidações institucionais até linchamentos⁵). No final do século XIX se estabeleceu a noção do "perigo amarelo", sintetizando o medo ocidental de que as nações do extremo oriente assumissem a liderança do mundo a partir de valores que não compactuam com o estilo de vida ocidental (Chen, 2012). Precedente da sinofobia, a ideia do perigo amarelo se ancora na percepção da população asiática amarela diaspórica como um *outro*, um invasor racialmente inferior e de potencial disruptor da organização da vida social ocidental.

A sinofobia foi acionada durante os séculos seguintes no mundo ocidental (Jaworsky, Qiaoan; 2020), através de discriminações ao povo chinês em diversas regiões como no Reino Unido, Canadá e na América Latina. O próprio Brasil tem uma história de mais de um século de sinofobia: as primeiras experiências migratórias dos países do Extremo Oriente ao Brasil só tiveram início na segunda metade do século XIX. Nessa época, uma política de imigração agressiva foi estabelecida, voltada principalmente para os países da Europa Ocidental. Buscava-se, desse modo, construir uma alternativa à mão de obra escrava de origem africana (Seyferth, 2015). Nesse contexto a figura do imigrante chinês (*chin*) emergiu como opção barata, dócil e eficiente, amparada na experiência de países como os Estados Unidos, Cuba e Peru (Czepula, 2017). Contudo, ao contrário dos imigrantes europeus, discursos que associavam a mão de obra chinesa à uma

⁵ Isso pode ser visto especialmente através do extermínio racial de 1871, onde uma multidão branca invadiu o bairro de *Chinatown* em Los Angeles, causando destruição, roubo e o massacre de 20 chineses.

ameaça – “o medo da mongolização” – se tornaram correntes. Nessa via, os chineses foram apresentados como “degenerados”, desprovidos de fé cristã e viciados em ópio (Dezem, 2005).

A pandemia do coronavírus intensificou a sinofobia e, portanto, pode ser lida como um “momento quente”: épocas destacadas ou acontecimentos que impactam a forma como a sociedade avalia a ela mesma (Lévi-strauss, 1966). Estas ocorrências resultam numa ascensão da produção de teorias da conspiração, buscando fazer sentido desses eventos de grande impacto emocional através do negacionismo de versões oficiais, especialmente quando ambíguas e/ou pouco convenientes com as visões políticas de seus autores. A islamofobia do período de *Guerra ao Terror* é um precursor da sinofobia nos tempos do Covid-19. Com autoria assumida especificamente pelo grupo fundamentalista Al Qaeda, povos árabes de diversas nacionalidades foram perseguidos, responsabilizados pelo momento de colapso ocidental e antagonizados com repulsa pelas diferenças étnicas e culturais em relação ao hegemônico – em outro paralelo com a sinofobia. Intimidados institucionalmente (e com registradas ocorrências de violência física), agora a figura do *outro* era representada pelo *terrorista*, e o ocidente tinha um novo bode expiatório após o final da URSS.

A Covid-19 alinhou diversos motivos para surgimento de teorias da conspiração, como, por exemplo, a tendência de ver eventos como produto de agendas ocultas; o negacionismo a versões oficiais; a argumentação com motivações partidárias e a incerteza/impotência em relação ao futuro. Isso pode ser visto nos primeiros meses da pandemia, quando teorias da conspiração tomaram conta de parte do imaginário popular. Diante do perigo mortal do vírus, explicações insuficientes e pouca expectativa de cura até então, a China se tornou o alvo principal, visto que foi o primeiro país a notificar a existência da doença. Com isso, ofensas sinofóbicas apareceram com frequência elevada e palavras-chave como “arma biológica chinesa” (Schild, et al; 2020) também se fizeram notar nos espaços digitais. As crenças em teorias da conspiração sinofóbicas pode envolver a

mistura de mais de uma narrativa, mesmo que elas sejam contraditórias (Miller, 2020).

Em um primeiro momento, a postura do então presidente dos Estados Unidos Donald Trump foi institucional: enfatizou a importância do trabalho conjunto com os chineses contra a ameaça do vírus. Nisso, interrompeu sua saga de ataques à China que eram frequentes desde sua candidatura em 2015. Mas logo após fechar as fronteiras para o país no início de fevereiro, a culpabilização da China por Trump logo retomou com força (Horton, 2020), tornando-se o principal elemento do seu discurso público sobre a pandemia. Em março de 2020, ele defendeu o uso do termo “vírus chinês”, alegando não ser xenofóbico⁶; também apontando que “o mundo estava pagando um preço caro pelo que eles [chineses] fizeram⁷”, acusando o país de incompetência ao lidar com o surto inicial. Essas narrativas foram repetidas por outros líderes nacionais alinhados com a política de Trump, como Jair Bolsonaro.

3. Momento quente: covid-19 e as teorias sino-conspiratórias no Brasil

Tal como em outros países, narrativas de “perigo amarelo” têm sido utilizadas no Brasil durante a pandemia, A China se tornou o principal parceiro econômico do Brasil a partir do governo Lula (2003-2011) e o governo Bolsonaro enfrenta um dilema: como conciliar a dependência econômica com o alinhamento ideológico à Trump? Aliado ao governo do republicano, membros da administração Bolsonaro inicialmente não se manifestaram sobre a China, essencial parceiro financeiro do Brasil (Oliveira, 2017). No entanto, após as declarações de Trump, tais representantes imediatamente foram a público atacar o país. O jornalista Tales Faria (Portal UOL) publicou no dia 16/03 uma entrada em seu blog⁸ afirmando que, internamente, o governo brasileiro tratava o vírus como um plano do governo

⁶ <https://www.nytimes.com/2020/03/18/us/politics/china-virus.html>. Acesso em: 08/06/2021.

⁷ <https://www.cnbc.com/2020/03/19/coronavirus-outbreak-trump-blames-china-for-virus-again.html>. Acesso em: 08/06/2021.

⁸ <https://www.cnbc.com/2020/03/19/coronavirus-outbreak-trump-blames-china-for-virus-again.html>. Acesso em: 08/06/2021.

chinês. O primeiro ataque conspiracionista de uma grande figura do governo veio do deputado Eduardo Bolsonaro, no mesmo dia, compartilhando uma série de *tweets* sinofóbicos e comparando o acidente com o de Chernobyl:

Quem assistiu Chernobyl [Minissérie do canal HBO] vai entender o q [sic] ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa
+1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas q[ue] salvaria inúmeras vidas
A culpa é da China e liberdade seria a solução⁹

O caso gerou um desconforto diplomático com o embaixador chinês Yang Wanming repudiando imediatamente as declarações do deputado¹⁰. Os *retweets* de Eduardo constavam em uma série de notícias acusando o país de ser contra a liberdade de expressão e contestando o consumo de animes silvestres; vários não tinham ligação direta com a pandemia e a vaga relação com Chernobyl exigia culpabilização e consequências para a China. Nesse discurso é possível observar a continuidade de paranoias conspiracionistas da Guerra Fria, agora apresentando a China como o inimigo em potencial: o velho anticomunismo é reformulado para criar paralelo entre a URSS e a China – em mais uma reflexão do alinhamento bolsonarista com o imaginário estadunidense ao reproduzir ansiedades com dois oponentes econômicos, configurados como perigosos “outros” em dois momentos diferentes da história dos Estados Unidos, embora ambas nações não tenham tido registros notáveis de qualquer tensão política com o Brasil.

Outro bolsonarista também atacou agressivamente o país: o autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho, guru de grande força política do governo Bolsonaro, em 20 de março de 2020, inflamou o discurso de ódio, ao descrever o governo chinês como “genocida e diabólico”, também ofendendo brasileiros que defendiam os chineses:

⁹ <https://twitter.com/bolsonarosp/status/1240286560953815040>. Acesso em: 08/06/2021.

¹⁰ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/19/eduardo-bolsonaro-culpa-china-por-coronavirus-e-gera-crise-diplomatica.ghtml>. Acesso em: 08/06/2021.

O governo chinês só terá alguma autoridade moral quando parar de matar chineses. E qualquer brasileiro que mostre simpatia para com essa instituição genocida e diabólica, sob qualquer pretexto que seja, é um FILHO DA PUTA [sic].¹¹

Mesmo sob crescentes notícias de discriminação a orientais no Brasil durante a pandemia¹², que levou o Instituto Brasil-China a se manifestar afirmando que investigaria novos crimes contra chineses no país¹³, os ataques xenofóbicos só aumentaram. Teorias da conspiração e desinformações acentuam uma imagem racista sobre o povo chinês, o caracterizando como repulsivo e comedor de animais silvestres (Sacramento, Monari, Chen; 2020), cujo hábitos bestiais questionáveis cedo ou tarde teriam causado a pandemia.

Em 03 de abril, Olavo de Carvalho persistiu com o discurso conspiracionista, apontando o coronavírus como “plano diabólico do governo chinês”¹⁴ e acusando o contágio de ser uma prática terrorista do país¹⁵. O “filósofo” é um dos principais mentores do conspiracionismo na extrema-direita brasileira, em grande parte adaptando discursos anticomunistas, globalistas e negacionistas à pandemia (Cruz, 2020), discursos abertamente familiares aos conservadores estadunidenses. Morando nos EUA, Olavo de Carvalho mantém um canal no *Youtube* desde 2007, ministrando já nesta época cursos que foram atendidos por futuros bolsonaristas. Ele é a evidência do uso do conspiracionismo da extrema-direita estadunidense como base para o bolsonarismo, ao inspirar-se em sites como o *InfoWars*¹⁶ e o

¹¹ <https://twitter.com/olavoopressor/status/1241009741486264320>. Acesso em: 08/06/2021.

¹² <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/em-meio-a-surto-de-coronavirus-orientais-no-brasil-relatam-preconceito-e-desconforto.shtml>. Acesso em: 08/06/2021.

¹³ <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/instituto-brasil-china-critica-discriminacao-diz-que-ajudara-identificar-crimes-contr-asiaticos-1-24230737>. Acesso em: 08/06/2021.

¹⁴ <https://www.brasil247.com/brasil/olavo-bolsonaro-pode-desmantelar-plano-diabolico-do-governo-chines>. Acesso em: 08/06/2021.

¹⁵ <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10158064822612192>. Acesso em: 08/06/2021.

¹⁶ InfoWars é um dos principais polos de teorias da conspiração da extrema-direita estadunidense. <https://www.infowars.com/>. Acesso: 30/03/2021

Breitbart¹⁷ e manter contato com Steve Bannon, *manager* da campanha de Trump que também foi consultor de Bolsonaro.

No dia 06 de abril de 2020, foi a vez do então ministro da Educação, Abraham Weintraub, fazer o ataque racista mais explícito à China. Zombando da fonética chinesa ao falar português, o ministro acusou o país de estar interessado em sair “fortalecido” da pandemia para dar continuidade a um plano de dominação mundial, em outra associação da China a agendas globais secretas:

Figura 1: *Tweet* racista de Weintraub



Fonte: UOL notícias

Para além do conteúdo racista que Weintraub emprega sobre os chineses e seus descendentes, percebemos a reprodução da lógica conspiracionista do *inimigo de fora* (Walker, 2013). Partindo da paranoia estadunidense com a figura do *outro*, Walker discorre que teorias da conspiração, quando realizadas neste formato, apontam para planos secretos de um inimigo *externo* que estaria necessariamente infiltrado (fisicamente, politicamente ou, neste caso, biologicamente) na nação vítima, causando degeneração e sabotagem sob a intenção de fortalecer sua nação

¹⁷ Peça ideológica essencial da organização do auto-denominado alt-right, nos EUA, o Breitbart lançou figuras-chave da extrema-direita como Steve Bannon e Milo Yiannopoulos. <https://www.breitbart.com/> Acesso em: 08/06/2021.

originária. Weintraub acusou a China de usar a pandemia para continuar seu “plano de dominação mundial”. O ex-ministro da educação notavelmente utiliza de acusações infundadas para justificar hostilidade contra um *outsider* chinês, buscando a xenofobia para fazer sentido da grande crise da pandemia.

Com Trump seguindo a agenda de ataques à China, apoiando a teoria de que a origem do vírus está ligada a um laboratório em Wuhan¹⁸ e propondo sanções ao país¹⁹, o Brasil teve mais uma declaração conspiracionista de outra figura política. O ex-chanceler Ernesto Araújo, entusiasta de teorias da conspiração – como o terraplanismo e negacionismo ao aquecimento global²⁰. Araújo escreveu um artigo intitulado “Chegou o Comunavírus” em 22 de abril, em resposta a declarações do filósofo Slavoj Žizek sobre a pandemia. Ele mergulhou em famosas teorias da conspiração de extrema-direita, ao invocar o termo “globalista” para se referir a uma nefasta elite secreta mundial dedicada em romper as fronteiras globais para instaurar a famosa “Nova Ordem Mundial” (Barkun, 2003). Posicionando o comunismo como “inimigo do espírito humano”, ele afirma que a China dá continuidade à planos de dominação mundial comunistas existentes desde a URSS. O texto é repleto de discurso de ódio e negacionismos frequentemente reproduzidos em movimentos supremacistas:

Em suma, Žizek explicita aquilo que vinha sendo preparado há trinta anos, desde a queda do muro de Berlim, quando o comunismo não desapareceu, mas apenas dotou-se de novos instrumentos: o globalismo é o novo caminho do comunismo. O vírus aparece, de fato, como imensa oportunidade para acelerar o projeto globalista. Este já se vinha executando por meio do climatismo ou alarmismo climático, da ideologia de gênero, do dogmatismo politicamente correto, do imigracionismo, do racionalismo ou reorganização da sociedade pelo princípio da raça, do antinacionalismo, do cientificismo. São instrumentos eficientes, mas a pandemia, colocando indivíduos e sociedades diante do pânico da morte iminente, representa a exponencialização de todos eles. A pretexto da pandemia, o novo comunismo trata de construir um mundo sem nações,

¹⁸ <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52496098>. Acesso em: 08/06/2021.

¹⁹ https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/05/13/interna_internacional.1147151/trump-diz-que-vai-analisar-legislacao-para-sancionar-china-coronavirus.shtml. Acesso em: 08/06/2021.

²⁰ <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/ernesto-araujo-nega-aquecimento-global-fui-roma-em-maio-havia-uma-onda-de-frio-23851347>. Acesso em: 08/06/2021.

sem liberdade, sem espírito, dirigido por uma agência central de "solidariedade" encarregada de vigiar e punir. [...] Um estado de exceção global permanente, transformando o mundo num grande campo de concentração²¹.

Embora menos repercutidas na mídia, essas falas são as mais alarmantes: indicam a presença de um discurso de supremacia racial no governo Bolsonaro. O ponto mais relevante da fala de Araújo, entretanto, é a evocação da teoria da conspiração do *marxismo cultural*. Uma das mais relevantes politicamente, o marxismo cultural tem raízes em discursos fraudulentos utilizados pelo Terceiro Reich para justificar a perseguição antissemita. Conhecida como *Conspiração Judeu-Bolchevique*, foi divulgada pelo partido nazista como um plano secreto de judeus e marxistas afim de degenerar a sociedade ocidental acabando com a família e com o cristianismo – a teoria da conspiração é apontada como peça política essencial para a realização do Holocausto (Fay, 2019). O marxismo cultural é uma modernização da teoria: identificada durante as *guerras culturais* traçadas na segunda metade do século XX, (Hartman, 2015) ganharam proeminência com a ascensão de novos movimentos de extrema-direita nos anos 2000 (Nargle, 2017).

Desta vez, o plano do marxismo cultural, aqui representado pela Escola de Frankfurt, acusava especificamente movimentos esquerdistas de buscar a degeneração ocidental, incentivando sexo e homossexualidade para crianças em escolas, imigração em massa para a destruição das identidades ocidentais nacionais, a proibição de igrejas, o controle absoluto dos meios de comunicação e a destruição da família tradicional. Deixando de lado elementos antissemitas (possivelmente por causa da aliança com Israel), a teoria da conspiração foi arma central da campanha de Bolsonaro com a difamação à adversários de esquerda – notavelmente acusando o oponente Fernando Haddad de projetos para institucionalizar a pedofilia no ensino infantil²². O marxismo cultural foi introduzido por Olavo de Carvalho e reproduzido por integrantes e apoiadores do

²¹ <https://www.metapoliticabrasil.com/post/chegou-o-comunav%C3%ADrus>. Acesso em: 08/06/2021.

²² <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/13/e-fake-cartaz-atribuido-a-haddad-que-diz-que-projeto-de-lei-torna-a-pedofilia-um-ato-legal.ghtml> Acesso em: 08/06/2021.

governo Bolsonaro na campanha. O “conceito” é tipicamente utilizado no discurso conspiracionista de extrema-direita de Ernesto Araújo e reproduz ideias fascistas originárias do Terceiro Reich. Olavo indicou Weintraub e Araújo para os seus cargos, sendo, portanto, um dos articuladores da “ala ideológica”.

Os discursos conspiracionistas de Olavo de Carvalho datam de suas aparições na mídia tradicional nos anos 90 e 2000, quando foi colaborador de veículos como *O Globo*, *Época*, *Primeira Leitura* e *Bravo!*, tratado como “polemista”, integrante de novo panteão de escritores de direita. Apesar da mídia tradicional ter criado espaço para que Olavo de Carvalho pudesse aparecer, ele se desiludiu. Assim, o “guru” se afastou desses veículos e, em 2002, ajudou na criação do site *Mídia Sem Máscara*: um reduto de teorias da conspiração essencial para organização e articulação da extrema-direita brasileira nos anos seguintes (Roxo, 2009). Seu conspiracionismo neste período é dedicado a reativar um sentimento anticomunista do pós Guerra Fria. Defendendo que a esquerda era uma grande ameaça aos valores morais e à ordem judaico-cristã, ele difundia as teorias da conspiração dizendo que movimentos sociais, o politicamente correto, a mídia tradicional e partidos como o PT e o PSDB tinham planos de destruir a sociedade ocidental utilizando a pedofilia, “homossexualismo” e liberdade sexual. Os alvos e a linguagem agressiva e informal utilizada por Olavo de Carvalho são replicados no *modus operandi* de seguidores como Araújo e Weintraub, mas também a deputada federal Bia Kicis e o secretário Roberto Alvim, secretário de Cultura que foi demitido do governo após replicar discurso de Joseph Goebbels. Além da Escola de Frankfurt, outro alvo obsessivo foi Antonio Gramsci, demonizado como arquiteto de uma guerra cultural que teria como objetivo a destruição do cristianismo (Callil, 2021).

Enquanto no segundo semestre Trump usou a culpabilização da China pela pandemia como um dos seus principais discursos de campanha pela reeleição, o

governo Bolsonaro, apesar de ser aliado de Trump contra os chineses na OMS²³, esfriou o discurso anti-China por um breve momento. Com ênfase na flexibilização da quarentena do país, negociações com parlamentares de centro no Congresso e as diversas investigações em torno dos filhos do presidente, o governante adotou uma postura mais evasiva, mas logo voltou a mencionar a China quando a discussão sobre a vacinação se iniciou. No segundo semestre, debates foram levantados no Brasil sobre qual vacina em desenvolvimento seria comprada pelo país quando concluída, com o medicamento produzido em Oxford sendo o preferido de Bolsonaro, em oposição aos concorrentes da Rússia e China. Alinhado mais uma vez com o ocidente, favorecendo parceria com o laboratório anglo-sueco AstraZeneca, Bolsonaro começou uma campanha pública de deslegitimação da vacina chinesa, produzida pela empresa local Sinovac, retomando o discurso conspiracionista ao declarar que não compraria a vacina chinesa devido a suspeitas de que o país foi responsável pela pandemia, em 23 de outubro:

A da China nós não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população. Esse é o pensamento nosso. Tenho certeza que outras vacinas que estão em estudo poderão ser comprovadas cientificamente, não sei quando, pode durar anos. [...] A China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá²⁴.

Ao evocar a errônea²⁵ mensagem de que uma vacina chinesa não transmite a segurança necessária para a população, Bolsonaro claramente utiliza a retórica do *made in China*, que associa os produtos chineses da indústria manufatureira ao preço barato para os consumidores e que, portanto, possui uma qualidade questionável. De fato, por muitos anos o país foi associado à ideia de uma alta

²³ <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000995719/brasil-se-une-aos-eua-contrachina-na-organizacao-mundial-do-comercio.html>. Acesso em: 08/06/2021.

²⁴ <https://oglobo.globo.com/sociedade/oms-reage-criticas-de-bolsonaro-origem-chinesa-de-vacina-escolhemos-ciencia-24708744>. Acesso em: 08/06/2021.

²⁵ CoronaVac, a vacina produzida na China, tem eficácia de 98% apontada por institutos como o Butantan: <https://butantan.gov.br/noticias/estudo-preliminar-indica-eficacia-de-98-da-coronavac-na-prevencao-de-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 08/06/2021.

demanda na produção manufatureira com mão-de-obra intensiva, que costumam menos energia, recursos e capital, e que se beneficiam de uma população que precisava de emprego. No entanto, no "século da China", essa realidade ficou para trás: acompanhamento os processos vividos pelo Japão e pela Coreia do Sul – que também foram outrora conhecidos por seus "produtos de qualidade inferior" – as autoridades chinesas estão investindo na internacionalização das empresas chinesas, no investimento na ciência e na tecnologia chinesa (Haour; von Zedtwitz, 2016). Assim, a ideia do *made in China* tem sido gradativamente substituída pelo *created in China*, capitaneado por empresas gigantes na área da tecnologia como a Huawei.

Por fim, a "ala ideológica" do governo Bolsonaro aciona discursos que aqui chamamos de sino-conspiratórios, no qual explicitamente elegem a China como seu "bode expiatório" para disseminar desconfiança e desinformação sobre a pandemia da covid-19, acompanhando os passos do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Tal postura se apresenta de forma particularmente preocupante em um momento de crise sanitária global, na qual o Brasil conta com insumos, vacinas e outros equipamentos necessários para lidar com o vírus vindos da China para tentar conter o avanço da doença, que em setembro de 2021, já levou a vida de quase 600 mil brasileiros.

Considerações finais

Biden venceu a eleição presidencial dos Estados Unidos. O presidente eleito criticou a xenofobia de Trump contra os chineses durante sua campanha e, enquanto é improvável que o governo do democrata sinalize qualquer postura de aliança com a China, o conspiracionismo do predecessor republicano dá lugar a estratégias mais institucionais de deslegitimação ao governo chinês²⁶, que segue

²⁶ Biden ampliou sanções econômicas aplicadas a China por Trump: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/06/03/biden-amplia-lista-de-trump-e-proibe-eua-de-investir-em-59-empresas-chinesas>. Acesso em: 08/06/2021.

configurado como grande adversário estadunidense na economia global. No Brasil, o governo Bolsonaro enxerga a derrota do maior aliado como um problema.

A postura sinofóbica por parte do governo, a presença de teóricos da conspiração da extrema-direita em cargos políticos, associados à mídia brasileira que atua de maneira cética em relação a China, apontam para uma tendência de continuidade para um tratamento de hostilidade em relação ao país asiático, ainda que o mesmo se configure como o principal parceiro comercial do Brasil. Até então, a ausência de uma postura mais assertiva das autoridades chinesas, que se limitam a emitir notas diplomáticas de repúdio²⁷ diante de discursos propositalmente preconceituosos, pode sinalizar para os integrantes do governo Bolsonaro que não há consequências palpáveis para a sinofobia.

Diante de um contexto no qual o negacionismo a respeito da vacina – ainda mais a chinesa CoronaVac – persiste e considerando a forte partidarização da ciência e de uma vacinação que caminha em passos lentos pelo Brasil, é provável que a China continue sendo interpretada a partir de lentes conspiracionistas. O que fica de concreto é a conclusão de que a crise trouxe ainda mais à tona discursos "sino-conspiracionistas" inaugurados séculos atrás e intensificados nesse momento de ascensão da China. Como bode expiatório, a China continua a ser vista com maus olhos pelo mundo ocidental – que precisa depositar a responsabilidade da diminuição de sua hegemonia em algum lugar. O governo Bolsonaro, por sua vez, se encontra em um dilema semelhante ao estadunidense: conciliar ideologias raciais neoconservadoras que fundamentalmente compõem seu movimento político com uma dependência econômica cada vez mais robusta da China, diante de um mundo que cada vez mais se afigura como multipolar.

Referências bibliográficas

²⁷ A embaixada chinesa continuamente emite notas desmentindo teorias da conspiração e repudiando a sinofobia no Brasil: <http://br.china-embassy.org/por/sghds/t1882324.htm> Acesso em: 08/06/2021

ALBUQUERQUE, Afonso; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana”. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 13, n3. 2019.

BARKUN, Michael. *A Culture of Conspiracy*. California: University of California Press, 2003.

BECARD, Danielly. *O Brasil e a República Popular da China: política externa comparada e relações bilaterais*. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

BOYLAN, Brandon; MCBEATH, Jerry; WANG, Bo. US-China Relations: Nationalism, the trade war and COVID-19. *Fudan Journal of the Humanities and Social Sciences*, v. 12, 2021, p. 23-40.

CALLIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. *Argumentum*. V.13, n.2. 2021

CHEN, An. On the Source, Essence of “Yellow Peril” Doctrine and Its Latest Hegemony “Variant”– the “China Threat” Doctrine: From the Perspective of Historical Mainstream of Sino-Foreign Economic Interactions and Their Inherent Jurisprudential Principles. *The Journal of World Investment & Trade*, v. 13, n. 1, 2012, p. 1-58.

CRUZ, Natalia dos Reis. Islamofobia e elementos fascistas no discurso de Olavo de Carvalho e do Movimento Mídia Sem Máscaras (MSM). *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza (CE), v. 51, n. 2, 2020, p. 337-389.

CZEPULA, Kamila. *Os indesejáveis “CHINS”*: um debate sobre a imigração chinesa no Brasil Império (1878-1879). Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017, 128p.

DEZEM, Rogério. *Matizes do “amarelo”*: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

FAY, Brendan. The Nazi Conspiracy Theory: German Fantasies and Jewish Power in the Third Reich. *Library & Information History*, v. 35, n. 2, 2019, p. 75-97.

GOODY, Jack. *Roubo da História*: como europeus se apropriaram das ideias e invenções do oriente. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

HAOUR, Georges; VON ZEDTWITZ, Max. *Created in China*: how China is becoming a global innovator. London & New York: Bloomsbury, 2017.

HARTMAN, Andrew. *A War for The Soul of America*: The History of Culture Wars. Chicago: University of Chicago Press, 2017.

HORTON, Richard. Official: COVID-19 and the dangers of Sinophobia. *The Lancet*, v. 396, 2020, p. 154.

HUNTINGTON, Samuel. *The clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

Ji, Fengyuan. The West and China: discourses, agendas and change. *Critical Discourse Studies*, v. 14, n. 4, p. 325-340, 2017.

JAWORSKY, Bernadette Nadya; QIAOAN, Runya. The Politics of Blaming: the Narrative Battle between China and the US over Covid-19. *Journal of Chinese Political Science*. Published online: 01 September 2020.

KEELEY, Brian L. Of Conspiracy Theories. *The Journal of Philosophy*. v. 96, n. 3., 1999, p. 109-126.

KRISTEVA, Julia. *El Genio FEMENINO: La vida, la locura, las palabras*: Melanie Klein. Buenos Aires: Paidós, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. *The Savage Mind*. Chicago. University of Chicago Press, 1966.

MILLER, Joanne M. Do COVID-19 Conspiracy Theory Beliefs Form a Monological Belief System? *Canadian Journal of Political Science*. V. 53, 2020, p. 319-326.

NARGLE, Angela. *Kill All the Normies: Online Culture Wars From 4Chan and Tumblr to Trump and the Alt-right*. London: Zero books, 2017.

OLIVEIRA, Thaianie; EVANGELISTA, Simone; ALVES, Marcelo; QUINAN, Rodrigo. "Those on the right take chloroquine: The Illiberal Instrumentalisation of Scientific Debates during the COVID-19 Pandemic in Brasil. *Journal of the European Institute for Communication and Culture*. Volume 28, Issue 2. 2021

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *China: passado e presente*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2013.

RAFI, Muhammad Shaban. *Language of Covid-19: Discourse of Fear and Sinophobia*. First Look: Social Science and Humanities Open, 2020.

ROXO, Laura. A face obscura da política: governo e eleições no Mídia Sem Máscara. *Revista Aurora*, n.4: Internet. 2009.

SACRAMENTO, Igor; MONARI, Ana; CHEN, Xuewu. O vírus do morcego: fake News e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da Covid-19. *Revista Comunicação & Inovação*, v. 21, n. 47, 2020.

SCHILD, Leonard; LING, Chen; BLACKBURN, Jeremy; STRINGHINI, Gianluca; ZHANG, Yang; ZANNETTOU, Savvas. *Go eat a bat, Chang!:* An Early Look on Emergence of Sinophobic Behavior on Web Communities in the Face of Covid-19. Arxiv [preprint], 2020.

SEYFERTH, Giralda. O Estado brasileiro e a imigração. In: *Caminhos da Imigração: memória, integração e conflitos*. São Leopoldo: Oikos, 2015.

Dossiê Guerras Culturais – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27698

SU, Chunmeizi; FLEW, Terry. The rise of Baidu, Alibaba and Tencent (BAT) and their role in China's Belt and Road Initiative (BRI). *Global Media and Communication*, 2020, p. 1-20.

THUSSU, Daya; NORDERSTRENG, Kaarle. *BRICS Media: reshaping the global order?* New York: Routledge, 2021.

URBANO, Krystal; ARAUJO, Mayara; MELO, Maria. Orientalismo em tempos de pandemia: discursos sobre a China no jornalismo brasileiro. *Rizoma*, v. 8, n.1, 2020, p. 106-122.

WALKER, Jesse. *The United States of Paranoia: A Conspiracy Theory*. New York: Harper Collins, 2013.

ZELIZER, Barbie. *Covering the body: The Kennedy assassination, the media and the shaping of collective memory*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

ZHAO, Yuezhi. Communication, crisis, and global power shifts: an introduction. *International Journal of Communication*, v. 8, 2014, p. 275-300.